

USO DAS TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: impactos no desenvolvimento integral da criança

SCREEN USAGE IN EARLY CHILDHOOD: impacts on the child's overall development

Ana Laura Freitas de Sá¹, Samantha Guimarães de Castro², João Paulo Demétrio de Arantes³

¹Faculdade Três Pontas – FATEPS/Grupo UNIS, Três Pontas, Minas Gerais, E-mail: ana.sa@alunos.unis.edu.br, <https://orcid.org/0009-0003-8067-8961>

²Faculdade Três Pontas – FATEPS/Grupo UNIS, Três Pontas, Minas Gerais, E-mail: samantha.castro@professor.unis.edu.br, <https://orcid.org/0009-0006-8847-4084>

³Faculdade Três Pontas – FATEPS/Grupo UNIS, Três Pontas, Minas Gerais, E-mail: joao.arantes@professor.unis.edu.br, <https://orcid.org/0009-0007-4756-0995>

RESUMO

Este estudo investigou os impactos do uso de telas na primeira infância e suas implicações para o desenvolvimento integral das crianças. Caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória, baseada em revisão bibliográfica de artigos científicos, livros e documentos oficiais. Os resultados indicam que a exposição prolongada e não mediada a dispositivos digitais compromete aspectos fundamentais do desenvolvimento infantil, como linguagem, atenção, regulação emocional, sono, alimentação e habilidades sociais, aumentando o risco de distúrbios comportamentais e dificuldades cognitivas. Observou-se que a mediação familiar, escolar e social é essencial para orientar o uso consciente das tecnologias e garantir experiências significativas para as crianças. Conclui-se que, embora as tecnologias digitais façam parte do cotidiano contemporâneo, seu uso deve ser planejado e supervisionado, priorizando interações humanas, brincadeiras e atividades concretas, a fim de favorecer um desenvolvimento integral equilibrado.

Palavras-chave: Primeira Infância, Uso de Telas, Desenvolvimento Infantil.

1 INTRODUÇÃO

A primeira infância, de acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2025), compreende o período do nascimento até os seis anos completos, ou seja, 72 meses de vida. Essa etapa é fundamental para o desenvolvimento de diversas habilidades e construções que servirão de base para o aprimoramento futuro da criança. Desde o período intrauterino, o

cérebro passa por modificações essenciais até alcançar sua maturação, sendo profundamente influenciado pelos estímulos recebidos nesse momento crucial, o que possibilita a aprendizagem ao longo de toda a vida. Crianças que apresentam um desenvolvimento integral saudável nessa fase inicial tendem a se adaptar com maior facilidade a diferentes contextos e a se tornarem cidadãos responsáveis. As experiências vivenciadas na primeira infância têm repercussões duradouras na saúde, no bem-estar social, emocional e cognitivo do indivíduo.

Nesse contexto, de acordo com Brasil (2024), o mundo digital tornou-se parte integrante do cotidiano das pessoas. Dispositivos eletrônicos como smartphones, tablets, computadores e televisores estão cada vez mais presentes nas rotinas familiares. A pandemia da Covid-19 acelerou essa inserção, fazendo com que famílias e instituições recorressem intensamente a essas tecnologias, inclusive na primeira infância, em que o uso de telas passou a ser uma forma frequente de entretenimento e ocupação do tempo das crianças. Essa transformação provocou uma mudança significativa na vivência da infância, suscitando debates acerca dos possíveis impactos da exposição precoce às telas.

O uso de dispositivos digitais deve ser avaliado com cautela, pois o desenvolvimento infantil exige experiências concretas, movimento, interação e vínculo afetivo. Embora algumas tecnologias possam oferecer recursos educativos e interativos, é importante considerar que, na primeira infância, os benefícios do uso de telas são limitados e fortemente dependentes da mediação e da presença ativa do adulto. Em contrapartida, a exposição precoce e descontrolada pode acarretar efeitos negativos, prejudicando aspectos essenciais do desenvolvimento infantil, como a linguagem, a atenção, a regulação emocional e as interações sociais.

Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo analisar os impactos do uso das telas na primeira infância, destacando as implicações dessa prática no desenvolvimento integral da criança. Busca-se, ainda, discutir estratégias que promovam o uso consciente das tecnologias digitais, bem como refletir sobre alternativas lúdicas e interativas que favoreçam o desenvolvimento saudável, contribuindo para a atuação de pedagogos, famílias e demais profissionais envolvidos na educação e cuidado infantil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Primeira infância e o desenvolvimento infantil

De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (2025), a primeira infância é o período que compreende aproximadamente os seis primeiros anos de vida de uma criança, sendo considerada uma das fases mais importantes e sensíveis para o desenvolvimento humano. É nesse intervalo que ocorrem transformações significativas nas dimensões física, cognitiva, emocional e social, estabelecendo as bases para o aprendizado ao longo da vida.

De acordo com Tana e Amâncio (2023), a plasticidade cerebral é elevada nesse período, o que favorece a aquisição de novas habilidades e competências essenciais, como a linguagem, a capacidade de atenção, o desenvolvimento da regulação emocional e os processos de socialização. Assim, as experiências vivenciadas na primeira infância têm impactos duradouros sobre o desenvolvimento integral da criança.

Dentre os principais aspectos de desenvolvimento na primeira infância, podemos destacar:

- a) **Desenvolvimento Cognitivo:** durante a primeira infância, o desenvolvimento cognitivo caracteriza-se pela rápida evolução das funções mentais superiores, como a memória, a atenção e a linguagem. Segundo Piaget (1977), nesta fase a criança transita do estágio sensório-motor para o pré-operatório, marcado pelo pensamento simbólico, a imaginação e o faz de conta, aspectos fundamentais para a aprendizagem futura.
- b) **Desenvolvimento Motor:** o desenvolvimento motor também é notável nesse período. A criança, de acordo com Becker e Donelli (2024), aprimora progressivamente a coordenação motora grossa e fina, ampliando sua capacidade de explorar o ambiente de maneira autônoma e segura. Movimentos como correr, pular e manipular objetos são essenciais para fortalecer a musculatura e integrar habilidades perceptivo-motoras importantes para a aprendizagem escolar.
- c) **Desenvolvimento Emocional:** em relação ao desenvolvimento emocional, a criança começa a reconhecer e expressar emoções, bem como a compreender os sentimentos dos outros. Para Santana, Ruas e Queiroz (2021), a construção da autonomia emocional é fundamental nesta fase, sendo mediada pelas interações com os cuidadores, que oferecem suporte e orientações para a regulação afetiva.
- d) **Desenvolvimento Social:** o desenvolvimento social envolve a ampliação dos vínculos com outras crianças e adultos, proporcionando experiências que favorecem a cooperação, a empatia e o respeito às regras sociais. A socialização, para Sousa e Carvalho (2023), ocorre inicialmente no contexto familiar e, posteriormente, em ambientes educativos, como a escola, que desempenha papel crucial nesse processo.

As contribuições de Piaget, Vygotsky e Wallon possibilitam uma compreensão ampla e integrada do desenvolvimento infantil na primeira infância. Piaget (1977) destaca a importância da interação ativa com o meio na construção do conhecimento, salientando o papel do pensamento simbólico e do jogo no avanço cognitivo. Complementarmente, Vygotsky (1984) evidencia que tais aprendizagens são potencializadas pelas interações sociais e mediadas pela linguagem, especialmente através da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), na qual o apoio de adultos ou pares mais experientes é fundamental para o progresso das competências infantis.

Wallon (1942), por sua vez, reforça a ideia de que cognição, emoção e movimento são indissociáveis nesse processo, sendo a afetividade um elemento estruturante das interações iniciais da criança com o mundo. Dessa forma, a comunicação corporal e emocional é vista como precursora das habilidades cognitivas e sociais mais complexas.

Em síntese, a primeira infância configura-se como um período de intensas aquisições e aprendizagens, nas quais as interações sociais, afetivas e ambientais desempenham papel determinante. A articulação entre diferentes abordagens teóricas — como as de Piaget, Vygotsky e Wallon — evidencia que o desenvolvimento infantil não ocorre de maneira linear, mas como um processo dinâmico e multifacetado, no qual aspectos biológicos, afetivos e socioculturais se entrelaçam, moldando as trajetórias individuais e coletivas das crianças.

2.2 Contexto do uso de telas

Nos últimos anos, as telas se tornaram parte do dia a dia das famílias. Televisores, smartphones, tablets e computadores passaram a ocupar um espaço central nas rotinas, inclusive entre crianças pequenas. Conforme Rodrigues (2017), vivemos em uma cultura midiática, onde as experiências cotidianas são cada vez mais influenciadas pelas tecnologias e pelos meios de comunicação. Isso faz com que o contato com os dispositivos comece muito cedo, ainda na primeira infância.

Com a pandemia da Covid-19, o uso das telas aumentou de forma expressiva. Muitas crianças passaram a depender delas, não somente para se divertir, mas também para estudar e se conectar com outras pessoas. Dados da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2025) indicam que, durante esse período, o tempo de exposição cresceu bastante e, em muitos casos, sem a supervisão adequada. Essa mudança acabou transformando o modo como as crianças aprendem, brincam e se relacionam com o mundo ao redor.

A primeira infância é um período sensível para o desenvolvimento infantil. De acordo com Santaella (2019), explica que a primeira infância é uma fase de intensa formação cerebral, e os estímulos que a criança recebe nesse período influencia diretamente no seu desenvolvimento. Quando o uso das telas é excessivo, há uma substituição das experiências reais por experiências virtuais, o que pode prejudicar o aprendizado e a formação emocional. As imagens rápidas, as cores fortes, e os sons intensos dos conteúdos digitais acabam criando uma dependência de estímulos que dificultam a concentração e o interesse por atividades mais simples.

Nessa mesma lógica, Pretto e Pinto (2013) destacam que o uso das tecnologias digitais sem mediação, pode interferir negativamente em aspectos fundamentais da infância, como o brincar, o vínculo com os adultos e o desenvolvimento da linguagem. De forma parecida, Cruz et al. (2024) e Santos et al. (2024) observaram que o uso excessivo de telas têm reduzido o tempo dedicado a atividades essenciais, como brincar livre, a exploração do ambiente e a interação social — pilares do desenvolvimento integral infantil.

Outro ponto relevante, é o impacto na vida familiar, conforme Caroline e Amâncio (2023) comentam que a tecnologia, muitas vezes, substitui interações entre pais e filhos. Quando a criança passa mais tempo conectada do que conversando e brincando com os cuidadores, há uma perda de vínculo afetivo e de troca emocional. Isso afeta o comportamento e o modo como ela aprende a lidar com os sentimentos, regras e frustrações.

A SBP (2025) também alerta que o consumo exagerado de vídeos e jogos podem causar problemas de sono, alimentação e atenção. Além disso, o excesso de exposição pode comprometer o equilíbrio emocional, deixando as crianças mais irritadas e menos tolerantes. Esses efeitos mostram que o uso das telas não é algo neutro e precisa de acompanhamento constante de adultos.

Assim, compreender o contexto atual do uso das telas na primeira infância exige uma análise crítica e fundamentada dos hábitos digitais da sociedade. De acordo com Fonseca e Gomes (2021) não é simplesmente proibir ou permitir o uso das tecnologias, mas de encontrar um equilíbrio. O ideal é que o uso seja planejado e mediado, com horários definidos e conteúdos apropriados à idade. Quando há intencionalidade, as telas podem até contribuir para o aprendizado e a criatividade, desde que não substitua o brincar, o contato humano e as experiências reais que são essenciais na primeira infância.

2.3 O uso das telas na primeira infância e seus impactos no desenvolvimento infantil

A primeira infância, de acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2025), compreende o período que vai do nascimento até os seis anos completos de vida, sendo considerada uma das fases mais importantes e sensíveis do desenvolvimento humano. Nessa etapa ocorrem transformações significativas nas dimensões física, cognitiva, emocional e social, que formam as bases para o aprendizado e as relações ao longo da vida.

Segundo Tana e Amâncio (2023), a elevada plasticidade cerebral presente nesse período favorece a aquisição de habilidades essenciais, como a linguagem, a atenção, a regulação emocional e a socialização. Assim sendo, a qualidade das experiências e dos estímulos vividos nessa fase é determinante para o desenvolvimento integral da criança, influenciando processos neuropsicológicos e comportamentais que sustentam a formação de competências socioemocionais.

O desenvolvimento cognitivo caracteriza-se pela rápida evolução das funções mentais superiores, como memória, atenção e linguagem. Como mostrado por Piaget (1977), a criança transita do estágio sensório-motor para o pré-operatório, fase marcada pelo pensamento simbólico, pela imaginação e pelo faz de conta, que são fundamentais para a aprendizagem futura e para a construção das estruturas mentais complexas. O desenvolvimento motor, por sua vez, manifesta-se no aprimoramento progressivo da coordenação motora grossa e fina, ampliando a capacidade de explorar o ambiente de maneira autônoma, segura e perceptivamente integrada (Becker e Donelli, 2024). Já o desenvolvimento emocional e social ocorre por meio das interações com os cuidadores e com outras crianças, que favorecem a autonomia afetiva, a empatia e a compreensão das regras sociais (Santana, Ruas e Queiroz, 2021; Sousa e Carvalho, 2023).

As contribuições de Piaget, Vygotsky e Wallon permitem compreender que o desenvolvimento infantil é um processo integrado e dinâmico. O autor demonstra então que, para Piaget (1977), a criança constrói o conhecimento por meio da interação ativa com o meio e pela assimilação de novas estruturas cognitivas. Vygotsky (1984) enfatiza o papel das interações sociais e da linguagem como mediadoras da aprendizagem, especialmente dentro da zona de desenvolvimento proximal onde se nota a importância da mediação cultural. Wallon (1942) complementa essa visão ao considerar que emoção, cognição e movimento são dimensões indissociáveis do processo formativo, ficando explícito dessa forma que a afetividade ocupa o lugar central na constituição do sujeito.

Compreender essas bases é essencial para analisar o contexto atual, no qual as telas se tornaram elementos presentes desde os primeiros anos de vida. Televisores, tablets, smartphones e computadores passaram a fazer parte das rotinas familiares e, muitas vezes, da

própria educação das crianças. Fica assim notado, conforme Rodrigues (2017), que vivemos em uma cultura midiática que molda as experiências cotidianas e redefine as práticas de socialização na infância.

A pandemia da Covid-19 intensificou ainda mais esse fenômeno. O uso das telas, que já era crescente, ampliou-se com o isolamento social, tornando-se um recurso constante para distração, socialização virtual e até para o ensino remoto. De acordo com a SBP (2025), durante e após esse período, as crianças foram expostas por mais tempo e com menor supervisão a conteúdos digitais, como vídeos, jogos e redes sociais, o que potencializou desafios relacionados à atenção, sono e comportamento.

Entretanto, diversos estudos alertam para os efeitos dessa exposição precoce e prolongada. Santaella (2019) destaca que os primeiros anos de vida são marcados por intensa plasticidade cerebral, e os estímulos recebidos nessa fase moldam os circuitos neurais e o comportamento futuro. Assim, o uso excessivo de telas pode comprometer aspectos essenciais do desenvolvimento, como a linguagem, a atenção, a regulação emocional e o sono, afetando inclusive a maturação cognitiva e a capacidade de interação simbólica.

Pretto e Pinto (2013) ressaltam que o uso das tecnologias sem mediação crítica interfere negativamente em dimensões fundamentais da infância, como a brincadeira, o vínculo com os adultos e o desenvolvimento da comunicação. Pesquisas recentes (Cruz et al., 2024; Santos et al., 2024) indicam que o tempo dedicado às telas tem reduzido as experiências de brincar livre, explorar o ambiente e interagir com outras pessoas — atividades indispensáveis ao desenvolvimento cognitivo, motor e sócio emocional.

Outro aspecto preocupante é o apelo sensorial dos conteúdos digitais voltados ao público infantil, caracterizados por cores intensas, sons rápidos e movimentos acelerados. Conforme a SBP (2025), esse tipo de estímulo favorece um consumo passivo, podendo gerar hiperestimulação, irritabilidade, dificuldade de concentração e distúrbios do sono. Além disso, Caroline e Amâncio (2023) alertam que o uso da tecnologia muitas vezes substitui interações significativas com pais e cuidadores, empobrecendo a qualidade do convívio familiar e social.

Dessa forma, compreender o uso das telas na primeira infância exige uma análise crítica dos hábitos digitais da sociedade e de como eles afetam o cotidiano das crianças. Fonseca e Gomes (2021) argumentam que o desafio não está apenas em proibir ou permitir o acesso às tecnologias, mas em estabelecer formas conscientes e mediadas de uso, com limites claros e intencionalidade educativa.

Em síntese, o desenvolvimento integral na primeira infância depende de experiências concretas, interações humanas e vínculos afetivos. Quando o uso das telas substitui essas

vivências, há risco de prejuízos cognitivos, emocionais e sociais. Assim, cabe à família, à escola e aos profissionais da educação adotar uma postura crítica e mediadora frente às tecnologias, de modo a preservar o direito da criança a um desenvolvimento pleno, saudável e equilibrado.

2.4 O papel da família, escola e sociedade na mediação do uso das telas

De acordo com Brasil (2024), o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) tem se tornado, cada vez mais, tema de debate entre famílias, educadores e a sociedade em geral. A responsabilidade pelo bem-estar digital de crianças e adolescentes é compartilhada, configurando-se como um dever não apenas das famílias, mas também do Estado, das empresas e da comunidade. Assim, as novas gerações, inseridas em uma sociedade digitalizada, necessitam de cuidados, proteção e orientação dos adultos para construir trajetórias equilibradas e seguras.

Um dos fatores que contribuem para o uso precoce e excessivo de dispositivos digitais por crianças é o comportamento dos próprios adultos, que servem como modelos de referência. Durante a primeira infância, as interações com os cuidadores exercem influência decisiva sobre o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Dados do Projeto PIPAS, apresentados no Guia sobre o Uso de Dispositivos Digitais (BRASIL, 2024), revelam que, em 24% dos domicílios brasileiros com crianças de até cinco anos, não há nenhum livro disponível, enquanto em 33,2% dessas residências as crianças assistem a programas ou jogam em telas por mais de duas horas diárias — evidenciando a substituição de experiências concretas por estímulos digitais.

Para que o aprendizado seja significativo, é indispensável a mediação de um adulto que atribua sentido e relevância às experiências vividas pela criança. Nesse contexto, a família exerce papel central, ao orientar e acompanhar o uso das mídias digitais, contribuindo para que essa relação ocorra de forma equilibrada e educativa. Conforme Brasil (2024), a mediação familiar consiste em um conjunto de estratégias adotadas por pais, responsáveis ou cuidadores com o objetivo de guiar e monitorar a interação das crianças com as tecnologias, considerando valores, limites e diálogos estabelecidos no ambiente doméstico. Essa mediação é essencial para que a criança compreenda tanto os benefícios quanto os riscos do ambiente digital.

Entretanto, é importante ressaltar que a responsabilidade pela mediação não deve recair apenas sobre as famílias. A legislação brasileira reconhece que o cuidado e a proteção

de crianças e adolescentes são responsabilidades compartilhadas entre famílias, governos, escolas, empresas e toda a sociedade.

No ambiente escolar, o uso das tecnologias digitais assume um duplo papel: promover a inclusão digital dos estudantes e desenvolver competências essenciais ao exercício da cidadania. Quando utilizadas de forma planejada e pedagógica, as tecnologias podem potencializar o processo de ensino e aprendizagem. Contudo, seu uso indiscriminado ou sem intencionalidade pode comprometer o engajamento escolar, a socialização e até mesmo a saúde mental dos alunos.

Conforme o Guia sobre Usos de Dispositivos Digitais (BRASIL, 2024), o uso pedagógico de recursos tecnológicos deve estar alinhado às políticas educacionais vigentes, à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e às diretrizes das redes de ensino. Já o uso não pedagógico de dispositivos individuais — como smartphones e tablets — é vedado pela Lei Federal nº 15.100/2025 (BRASIL, 2025), justamente por poder gerar impactos negativos, como isolamento social, enfraquecimento dos vínculos escolares e agravamento de quadros de sofrimento emocional.

No atual contexto de transformação digital, a sociedade enfrenta o desafio de construir uma cultura de uso consciente e responsável das tecnologias. O simples acesso a dispositivos e à internet não garante experiências equitativas nem seguras. Assim, conforme orienta o Guia sobre o Uso de Dispositivos Digitais por Crianças e Adolescentes (BRASIL, 2024), torna-se imprescindível que o uso das tecnologias seja mediado por adultos e instituições, com base em práticas educativas que estimulem o pensamento crítico, criativo e ético.

Se nota também que as escolas têm papel decisivo nesse processo. A introdução das tecnologias em sala de aula deve vir acompanhada de intencionalidade pedagógica e não como uma simples substituição do professor. Quando os recursos digitais são usados sem propósito, acabam reforçando o consumo passivo e superficial da informação. O desafio é tornar o uso das telas uma ponte entre o conhecimento teórico e a realidade vivida, e não um obstáculo. Dessa maneira, o professor precisa ser mediador, alguém que ajuda o aluno a questionar, comparar e refletir — não apenas a clicar.

Fica assim evidente que a discussão sobre o uso das telas vai além de uma questão doméstica. Trata-se de um tema ético, social e educacional que envolve famílias, escolas e políticas públicas. O mundo digital não vai retroceder, mas é possível repensar como ele se integra à infância. A tecnologia precisa servir ao desenvolvimento, e não o contrário. A criança deve continuar sendo o centro da experiência, e não o algoritmo. Assim sendo, pensar

criticamente o uso das telas é, acima de tudo, defender o direito das crianças a uma infância viva, criativa e verdadeiramente humana.

Dessa forma, o envolvimento conjunto de famílias, escolas, governos, empresas e comunidades é essencial para que os dispositivos digitais se tornem instrumentos de inclusão, aprendizagem e cidadania — e não fatores de exclusão, dependência ou risco ao desenvolvimento integral das crianças.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. O objetivo foi identificar, analisar e discutir os impactos do uso de telas na primeira infância, com ênfase nas implicações para o desenvolvimento integral da criança, a partir de produções científicas e documentos oficiais publicados nos últimos anos.

A revisão foi realizada no primeiro semestre de 2025, utilizando bases de dados científicas, além de documentos e relatórios emitidos por instituições reconhecidas, como a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e o Ministério da Educação (MEC).

Os critérios de seleção incluíram publicações que abordassem o uso de dispositivos digitais na primeira infância, os efeitos dessa exposição sobre o desenvolvimento infantil e as estratégias de mediação familiar, escolar e social. A análise dos textos selecionados foi realizada de forma interpretativa e reflexiva, buscando identificar tendências, desafios e recomendações presentes na literatura recente.

A partir desse levantamento, foram discutidos os principais achados referentes às consequências do uso excessivo de telas e às ações educativas voltadas para o uso consciente e mediado das tecnologias digitais na infância.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do problema de pesquisa — considerando o avanço tecnológico e a popularização dos dispositivos eletrônicos, quais são os principais impactos do uso de telas no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças na primeira infância? — verificou-se que a exposição prolongada e sem supervisão adequada gera efeitos negativos relevantes no desenvolvimento infantil. A ausência de acompanhamento e de intencionalidade

pedagógica no uso das tecnologias pode comprometer aspectos fundamentais do crescimento saudável da criança.

Constatou-se que o uso precoce e excessivo de telas tem se tornado cada vez mais frequente na rotina das famílias e das instituições escolares. As tecnologias, embora presentes e atraentes, impõem desafios ao processo de ensino e aprendizagem, exigindo que docentes e responsáveis repensem suas práticas e adotem estratégias que favoreçam o uso equilibrado e consciente desses recursos.

Os estudos analisados indicam que o uso excessivo de dispositivos digitais está associado ao aumento dos riscos de ansiedade, depressão e distúrbios comportamentais, além de comprometer a capacidade de concentração, a qualidade do sono, a alimentação e o desenvolvimento da linguagem e da autorregulação emocional. Tais evidências reforçam a importância da mediação familiar e escolar como elemento essencial para reduzir os impactos negativos e promover experiências digitais mais saudáveis.

Por outro lado, quando utilizado de forma orientada, com intencionalidade pedagógica e em consonância com as recomendações de órgãos especializados, o uso de tecnologias pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades digitais e cognitivas importantes para a inserção das crianças na sociedade contemporânea. Contudo, é indispensável que esse uso seja sempre supervisionado e contextualizado, priorizando o brincar, o convívio social e as interações presenciais como eixos centrais da infância.

Os objetivos deste estudo foram alcançados ao compreender como o uso de telas influencia o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças na primeira infância; identificar práticas familiares e pedagógicas que podem minimizar os efeitos negativos da exposição excessiva; e analisar as orientações de instituições como o Ministério da Educação (MEC) e a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) sobre o tema.

Por fim, recomenda-se a realização de novas pesquisas que aprofundem a compreensão sobre as relações entre infância, tecnologias e desenvolvimento integral, especialmente no contexto pós-pandemia, em que a presença digital tornou-se ainda mais marcante na vida das crianças. Estudos futuros podem contribuir para a construção de políticas públicas e práticas educativas que promovam um uso mais ético, equilibrado e humanizado das tecnologias desde os primeiros anos de vida.

ABSTRACT

This study investigated the impacts of screen usage in early childhood and its implications for children's overall development. It was a qualitative, exploratory study based on a literature

review of scientific articles, books, and official documents. The results indicate that prolonged, unmediated exposure to digital devices compromises fundamental aspects of child development, such as language, attention, emotional regulation, sleep, eating, and social skills, increasing the risk of behavioral disorders and cognitive difficulties. It was observed that family, school, and social interactions are essential to guide the conscious use of technologies and ensure meaningful experiences for children. The conclusion is that, although digital technologies are part of contemporary daily life, their use must be planned and supervised, prioritizing human interactions, play, and concrete activities, in order to promote balanced, comprehensive development.

Keywords: *Early Childhood, Screen Use, Child Development.*

REFERÊNCIAS

BECKER, Valéria; DONELLI, Tássia Maria Silva. **Desenvolvimento motor e aprendizagem na infância:** aspectos essenciais para a prática pedagógica. Porto Alegre: Penso, 2024.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Guia sobre usos de dispositivos digitais por crianças e adolescentes.** Brasília: SECOM, 2024. Disponível em:

https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes/guia/guia-d-e-telas_sobre-usos-de-dispositivos-digitais_versaoweb.pdf. Acesso em: 19 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jan. 2025. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/115100.htm Acesso em: 22 fev. 2025.

CAROLINE, Ana Paula; AMÂNCIO, Cláudia Patrícia. **Tecnologia e primeira infância: impactos no desenvolvimento socioemocional.** Revista Brasileira de Educação Infantil, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 122–138, 2023.

CRUZ, Mariana Oliveira da et al. **Exposição precoce às telas e desenvolvimento infantil: revisão de literatura.** Revista Psicologia em Foco, v. 16, n. 1, p. 89–105, 2024.

FONSECA, Débora Cristina de; GOMES, Juliane Souza. Mediação parental no uso da tecnologia: orientações e desafios. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 6, e12066, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/uft.rbec.e12066>. Acesso em: 24 jun. 2025.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança.** 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1977.

PRETTO, Nelson De Luca; PINTO, Marília Costa Morosini. Educação e cibercultura: repensando a escola. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 52, p. 43–60, 2013.

RODRIGUES, Maria Teresa de Assunção Freitas. Infância e cultura digital: um olhar sobre os processos de socialização na era da mídia. **Revista Educação e Realidade**, v. 42, n. 3, p. 945–964, 2017.

SANTANA, Débora de Lima; RUAS, Amanda Nogueira; QUEIROZ, Vitória Lacerda. **Emoções na infância: a construção da autonomia emocional.** Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 89-105, 2021.

SBP – SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de orientação: saúde de crianças e adolescentes na era digital.** Rio de Janeiro: SBP, 2025. Disponível em: <https://www.sbp.com.br>. Acesso em: 24 jun. 2025.

SANTAELLA, Lúcia. **A criança na era digital: um olhar para os impactos da tecnologia.** São Paulo: Paulus, 2019.

SANTOS, Juliana et al. Tempo de tela e desenvolvimento infantil: uma análise crítica de práticas familiares no contexto pós-pandêmico. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 74–88, 2024.

SOUSA, Maria Clara; CARVALHO, Ana Beatriz. Socialização e desenvolvimento na infância: o papel da família e da escola. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 44, e0252910, 2023.

TANA, Jaqueline; AMÂNCIO, Paulo Roberto. **Primeira infância: fundamentos do desenvolvimento integral.** São Paulo: Cortez, 2023.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1942.